

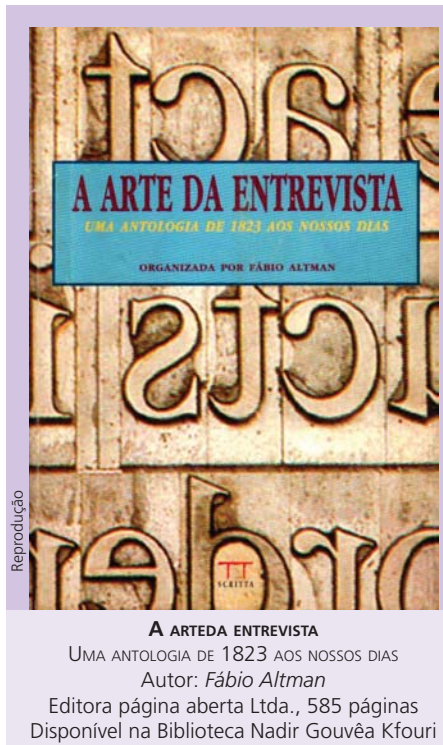
ENTREVISTAR NÃO É SÓ FAZER PERGUNTAS: É ARTE

Por Stephanie Bevilaqua Monteiro

É difícil imaginar Adolf Hitler, Marilyn Monroe e Marx juntos em um mesmo lugar, no entanto em "A arte da entrevista" estão arquivados com um conjunto de 55 grandes nomes entrevistados que fazem parte de um livro que deixa história e exemplo de jornalismo. Organizada por Fábio Altman, esta edição de 1995 é dividida por ordem cronológica, que vai de 1823 até 2000, e é constituída também por célebres jornalistas, como Rudyard Kipling e Fernando Morais.

O livro é uma coleção de grandes entrevistas, iniciadas com uma breve introdução sobre o entrevistado, e algumas vezes sobre o jornalista. São explicados também os contextos históricos em que se encontram cada situação, e assim a leitura torna-se clara e situada. Os jornalistas que realizam suas matérias, em grande parte, são contestadores e demonstram conhecimento sobre os diversos assuntos abordados, fazendo assim com que a entrevista não seja um simples bate-bola e sim uma discussão sobre diversos assuntos, sejam eles polêmicos ou não.

Os entrevistados são muitos e encaixam-se em diversas categorias como artes, ciência... Política por exemplo tem grandes destaques. Hitler é um deles, e diz coisas como "O socialismo é a ciência de lidar com o bem estar geral, e o comunismo não é socialismo nem marxismo. Vou tirar o socialismo dos socialistas"; já a entrevista com Stálin gera polêmica, e intelectuais



Reprodução

A ARTE DA ENTREVISTA
UMA ANTOLOGIA DE 1823 AOS NOSSOS DIAS
Autor: Fábio Altman
Editora página aberta Ltda., 585 páginas
Disponível na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri

esquerdistas alegaram tom complacente na reportagem. No que diz respeito ao Brasil, mais especificadamente a Getúlio Vargas, declarações um pouco quanto controvérsias, como "Um candidato único não ficaria bem. Seria antidemocrático" são ditas durante uma breve conversa com repórteres.

Em questão de arte podemos observar subconsciência, superioridade e humildade. Picasso alega não ter arte simbólica, sendo que os significados vêm do seu subconsciente, com a exceção de Guernica, claro! John Lennon afirma ser gênio, se é que para ele exista algo assim, e Drummond já é mais humilde e diz "Me deram título de poeta quando, na verdade, eu sou é jornalista".

Ciência mundial também é pauta do livro, que entrevista o inventor da lâmpada incandescente, Thomas Edson; o fundador da psicanálise Sigmund Freud. O primeiro fala sobre a discussão de uma máquina que creía impossível a visualização de uma pessoa a seis mil quilômetros (isso em 1889), e o segundo trata de assuntos como a vida, a morte e o amor e como esses governam o mundo. Apesar das diferenças sobre tipos de ciência, os dois despertam curiosidade e fascínio para aquele quem lê.

Apesar de todas as entrevistas, o que mais chama a atenção no livro é seu sumário, e aqui coloco os melhores nomes para serem lidos além dos já citados: Thomas Edson, Émile Zola, Oscar Wilde, Sigmund Freud, Al Capone, Benito Mussolini, Mahatma Gandhi, Nikita Kruchev, Alfred Hitchcock, John Kennedy, Mao Tse-Tung, Luís Carlos Prestes, John Lennon, Fidel Castro, Glauber Rocha, Carlos Drummond de Andrade, Caetano Veloso, entre outros...

Vale a pena conferir!

PRESENTE JULGA PASSADO

Por Sara Abdo

A causa? Concepções políticas. Eram muito parecidos mas pensavam diferente. Uns preferiam conversar enquanto outros, ordenar. A semelhança de nada adiantou, não houve consenso algum. Era 1964, os matracas perderam lugar no governo, estava consolidada a Ditadura Militar Brasileira.

Houve muita música. Conversa e revolta tomaram bares, palcos e o público. O novo governo se impôs, em 1968 proibiu manifestações e denúncias. Querer o que ditadores não queriam era crime. Os indivíduos, segundo os mandões, faziam parte de uma hierarquia. Alguns são superiores e outros, inferiores. A partir de 1964 esse era o real estado de natureza humana, não havia igualdade alguma. A consciência voltou só em 1978.

Ato Institucional número 5 (AI 5). Apresento vocês à permissão da tortura no país tropical. Alguns pensadores saíram dos trópicos, outros por lugares desconhecidos andaram. Exílios. Histórias embaixo de caracóis de muitos cabelos. Cálices (calise) diários. Vinho tinto que saía de corpos humanos. Rosa dos ventos enquanto o vento ventava fedido. Receitas culinárias eram as notícias. Subentender era a meta dos matracas que já não matracavam. Algo acontecia todos os dias e em qualquer momento. Na TV havia algum milagre, na esquina alguém pedia dinheiro.

Eram tempos difíceis, a censura era imensa e intensa. Poucos acompanhavam a seqüência dos fatos, poucos controlavam o que acontecia. Muitos se perderam, muitos enlouqueceram. Na época

em que nada além de proibir era permitido, corpos flutuavam como caravanas, naquela vez em uma água vermelha fedida. Os que sabiam de paradeiros não contavam. Tráfico de informações era a verdade, era perigoso. Mortes malditas não reveladas. Do calor tropical o Brasil chegou ao calor infernal.

O sistema não se sustentou. Ditaduras caíam por terra. Denúncias voltaram a ocupar palcos. Pais daqui, mães dali, filhos do lado de lá e amigos do lado de cá buscavam informações. A verdade viria à tona, era questão de tempo. Os governantes perceberam isso.

Em 1978 começou o perdão mas, francamente, para qual tipo de pecado? Quem foi que pecou primeiro? Anistia novamente em 2002, agora só para torturados. Recompensas, pedido de desculpas. Adianta? Democracia agora julga a ditadura. Só agora.

Caravana da Anistia, a vez de quem não teve voz? É o dever do governo de dar o direito que foi perdido? É dever manter o direito do cidadão? Útil? O tempo não vai voltar, o relógio permanece tic-taqueando, sempre para frente. A vida continuou, ainda que muitos tenham implorado pelo fim dessa. A Caravana tenta, matracando, pedir desculpas aos matracas.

É fato, a correnteza nunca passa pelo mesmo lugar. A Caravana navegará, então, sobre águas inversas? Percorrerá o trajeto "de costas"? Roda, roda, roda e pára onde? Anistiar agora quem, pensando no hoje, fez o que deveria ser feito?

Até que ponto o estado tem o poder de devolver o passado a um presente que tanto, daquele, difere? Vale a pena pensar, fica a dica.



Reprodução